
Rádio Local em Ambiente Global: o caso da Rádio UESC¹

Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque²

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

RESUMO

Este artigo discute os desafios do rádio em tempos de convergência de mídia e novas tecnologias, sempre em avanço; trata dos conflitos contemporâneos, como a dicotomia entre pensar no global, embora seja um meio essencialmente local; questiona como sobrevive em locais do interior do Brasil, como é o caso do sul da Bahia. Sobretudo, discute a experiência da Rádio UESC, que está no ar via internet desde 2015, formando novos radialistas. Para isso, dialoga com autores que levam a perceber o quanto é necessário atualizar as formas de fazer e consumir rádio para atender aos interesses e comportamentos de um público cada vez mais heterogêneo, exigente e articulado.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; rádio local; rádio universitário.

Introdução

Este artigo é derivado de pesquisas feitas a partir da experiência como professora e pesquisadora no curso de Comunicação – Rádio, TV e Internet da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), nos últimos anos, mas, sobretudo, da militância à frente da Rádio UESC, onde nos desafiamos a fazer um tipo de rádio diferente do convencional na região. Parece até um pouco de prepotência, mas está longe disso.

Parte do trabalho da Rádio UESC – que aqui chamo de militância por ser algo mais semelhante a isso do que de um trabalho acadêmico formal – consiste, entre outras coisas, na pesquisa constante da história do rádio; os movimentos e adequações que ele faz às novas tecnologias e linguagens; os conteúdos e formatos adequados a um público heterogêneo, mutante, conectado ao seu tempo e muito questionador, além dos assuntos e demandas sociais. Ou seja, busca alcançar a comunidade acadêmica, mas não só. Num entre lugar sempre incerto, também precisamos atender às demandas do público global (já que a rádio está na internet) e formar estudantes-estagiários para que estes possam construir um modo competente e eficiente de fazer rádio num mercado de trabalho sempre difícil e desvalorizado como é o do radialista. Enfim, somos impelidos a andar para a frente e ousar, mas sem perder as lições que a história nos dá nem a noção do chão onde pisamos. Desse modo, somos ao mesmo tempo globais e

¹ Trabalho submetido ao GT Rádio e Mídias Sonoras, do XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora/pesquisadora da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. E-mail: ecalbuquerque@uesc.br

locais. Por isso, nossa primeira discussão é sobre essa questão: como o rádio pode ser e estar, simultaneamente, nessas duas dimensões?

Em seguida, avançamos para discutir o que se entende por rádio nos dias atuais. Um meio apenas ou muitos meios que veiculam linguagens específicas e características do fazer radiofônico? Dispositivos ou linguagens? Para responder a essas questões, visitamos trabalhos de vários colegas do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom, onde aprendemos todos os dias que o assunto é inesgotável e inevitável, especialmente diante das novas formas de acesso aos conteúdos, agora intermediados por tecnologias e aparelhos diversos, muito diferente do que era há pouco tempo, e sempre em transformação.

Por fim, para concluir, trago um pouco das experiências e rotinas da Rádio UESC, que está no ar via WEB deste 2015, de modo ininterrupto e já formou mais de uma centena de radialistas diferenciados, porque embora forjados no fazer radiofônico formal (como em qualquer emissora), também se tornaram alternativos porque puderam ousar e propor coisas diferentes e inovadoras, acertando e errando até chegar a um bom resultado, coisa que não é possível de ser feito nas emissoras comerciais. Para além disso, esses radialistas se tornam aptos para atuar nas diversas áreas da comunicação com consciência social, o que deveria ser nosso principal compromisso enquanto comunicadores e educadores.

Global? Local? O rádio e os conflitos contemporâneos

Um dos frutos do desenvolvimento capitalista, a globalização determina lógicas unificantes e padronização em diferentes âmbitos da vida. São processos que ocorrem em escala mundial e atravessam fronteiras nacionais, “integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, 2006, p. 67). E mesmo não havendo consenso de que esta nova ordem (agora global) seja sinônima de um mundo novo ou melhor, também é notório que a humanidade passa por profundas modificações na sua forma de se relacionar, pensar e agir, o que se reflete em vários setores como a cultura, a economia, o meio ambiente, a comunicação ou a política.

A globalização também trouxe para nosso cotidiano alguns fatores decisivos, como a “compressão espaço-tempo” (HALL, 2006, p.69), que faz o mundo parecer menor, com distâncias mais curtas. Assim, é possível tomar conhecimento de alguma coisa que aconteceu em outro continente com a mesma rapidez (talvez até maior) que se sabe de um fato ocorrido na sua rua ou sua cidade. Outra análise coloca a globalização numa perspectiva colaborativa

quando considera o global como dependente do local tanto quanto o local não pode se expandir ou sobreviver desligado do global (ROBERTSON,1992). O autor, que resolve a peleja entre as duas territorialidades com o termo *glocalização*, também defende que, ao contrário do que pode parecer, *glocalizar* não significa a *mistura* das duas dimensões, mas sim a *convivência* entre elas. Assim, adaptando-se às situações locais (culturais, políticas, econômicas etc), o global se fortalece tanto quanto se fortalecem os movimentos locais ao lançar mão das estruturas e tecnologias globais. Paradoxalmente, uma precisa da outra para se desenvolver.

Na mesma perspectiva, os meios de comunicação de massa são vistos como elementos estruturantes desse processo porque unem a dimensão do global, com notícia que vem de todos os lugares, “e que chega no seu tablet, no seu rádio, televisão; mas que uma vez que chega até você [...], chega se entrelaçando com o local, e dele não se separa” (TRIVINHO, 2007, p.1). Isso explica porque alguns fatos distantes nos afetam tanto ou mais que o acontecimento ocorrido na nossa esquina.

No rádio isso ocorre em outra proporção porque, pelas suas características, ele continua mais próximo e íntimo do seu público, sendo aquele que fala prioritariamente do que está aos olhos do ouvinte e pode ser checado por ele. Mas nem por isso está a salvo da dicotomia global-local que, através dos avanços tecnológicos incorporados aos meios de comunicação e aos atuais dispositivos eletrônicos, cria novos moldes de vizinhança e de comunidades que, sem sentido de lugar, são interligadas agora por redes de interesses (APPADURAI, 1996). É o que se observa nas programações das emissoras, onde as informações locais (músicas, notícias, esportes etc) incorporam outras, ditadas pelo mercado global e destinadas ao público mundial, agora alcançado via internet.

As mudanças provocadas pela globalização também conduzem o rádio, inevitavelmente, para outro patamar de discussão, sendo necessário descobrir formas de sobrevivência mais adequadas aos interesses da sociedade e do mercado global, sem, contudo, perder-se do público local e de suas pautas diárias. Trata-se de um exercício de adaptação porque a globalização altera o sentido de quase tudo: das coisas, dos lugares, dos tempos e das relações interpessoais, entre outras. “A despeito de que tudo parece permanecer no mesmo lugar, tudo muda. O significado e a conotação das coisas, gentes e ideias modificam-se, estranham-se, transfiguram-se” (IANNI, 2001, p.32). Com isso, modificam-se também as formas de produzir as informações e, por consequência, muda o rádio.

Nessa nova arquitetura midiática, o conteúdo, antes delimitado apenas por interesses locais, perde essa característica, obedecendo agora aos interesses dos grandes grupos, que

passam a pautar o mundo com temáticas de seus interesses. O fator determinante para inclusão não é mais o lugar onde ocorre o fato, mas sim o próprio fato.

O rádio local no mundo globalizado

Em abordagem conceitual, se entende por *rádio local* a emissora que “está centrada na vida social, econômica, política e cultural de sua área de abrangência e também em tudo o que ocorre no seu exterior e que tenha repercussões na vida da comunidade” (HERREROS, 2001, p. 146). Ser local, não significa, porém, priorizar fatos e situações só porque são locais ou deixar de veicular outros (globais) que podem ser relevantes. Até porque a relevância das coisas no mundo globalizado também está em discussão. Uma guerra em algum país africano, que provoque queda nos preços do cacau, por exemplo, pode ter importantes repercussões no sul da Bahia, onde há produção de cacau. E isso torna a informação relevante. Já um fato qualquer ocorrido na região pode não ter importância, mesmo sendo local.

No modelo do rádio local tal como convencionado, o anunciante que aí expunha seus produtos e serviços geralmente era local (FERRARETTO, 2001) o que agora se amplia, com anunciantes também globais nas emissoras locais. As emissoras e seus comunicadores tinham grande empatia com o público, com quem conversavam por telefone ou no estúdio e havia também a prestação de serviços: horários de coletivos e aeroportos, tábua de maré, oportunidades de empregos, mapas de tráfego, funcionamento de bancos, entre outros assuntos. Embora isso permaneça, algumas emissoras trabalham em rede, gerando conteúdo das capitais para o interior, perdendo em parte essa possibilidade (e também levando dezenas de radialistas ao desemprego). Por outro lado, nas emissoras que têm programação em rede e nenhuma intervenção de locutores locais, a audiência é pequena. Tanto assim que algumas emissoras optaram pelo modelo híbrido: parte da programação estadual ou nacional e outra parte local.

Para você que espera mais de uma rádio

Atualmente, o eixo Ilhéus-Itabuna possui 12 emissoras comerciais; 3 comunitárias (fundadas a partir de 2010), uma educativa funcionando na Web desde 2015 (a Rádio UESC), além de três emissoras ainda sem registro (de assentamentos e quilombos, funcionando em caráter experimental). Os dois municípios possuem, juntos, a maior quantidade de emissoras de rádio em funcionamento regular fora de Salvador.

Na expectativa de suprir essa demanda, a Universidade Estadual de Santa Cruz abriu seu curso de Comunicação com habilitação em Rádio e TV em 1999, sendo alterada para Rádio,

TV e Interfet em 2019. E foi aí que, em 2002, os professores do curso começaram a discutir a criação de projetos de extensão que possibilitassem a experimentação em rádio e em televisão.

O projeto de rádio do curso de Comunicação (RADCOM) passou por diversas fases até se tornar hoje a Rádio UESC: começou com pequenos programas, restritos ao curso de Comunicação; passou pela experiência de funcionamento na frequência FM, com capacidade de transmissão restrita ao Campus e, em 2009, começou o processo para obtenção da concessão como rádio FM educativa, concorrendo a edital do Governo Federal cujo resultado preliminar foi publicado em dezembro de 2014, destinando à UESC o canal 105,1 FM. Mas o processo regrediu com o impeachment da presidenta Dilma Houssef e a consequente eleição do seu sucessor, Jair Bolsonaro. Ligado a grupos de extrema direita, o então presidente tratou de cancelar todas as concessões em andamento e que beneficiavam universidades públicas, especialmente aquelas dirigidas por governos de oposição a ele, como é a Bahia.

Diante desse impasse, a rádio intensificou sua atuação como *radioweb* e em ações específicas dentro e fora do Campus Universitário, sendo necessário formar uma equipe eclética, ágil, capaz de dar conta da grande demanda que estava sendo colocada e trabalhar com textos, sons, imagens e todas as demais linguagens cabíveis na web e numa rádio. E precisava ser composta por professores e estudantes da própria universidade, já que esta não dispunha de cargos funcionais para contratar profissionais de rádio e/ou jornalismo. Ou seja, sua equipe seria necessariamente sazonal já que os estudantes se formam um dia.

A equipe inicial foi estruturada com uma professora, dois técnicos administrativos e três estagiários e incorporou muita gente. Ao final de três meses de funcionamento, a Rádio UESC tinha uma equipe de 28 pessoas. Com a equipe montada, foi necessário prepará-la rapidamente para produzir os conteúdos com qualidade, operar tecnicamente a emissora, além de traçar as estratégias para alcançar o público. Vários programas estrearam em seguida, garantindo a audiência que se conectou nas mais diversas plataformas de acesso à rádio (aplicativo próprio, página da universidade, página do *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, *RádioTube*, entre outros). Mas, embora tenha muito a comemorar, o fato de ser transmitida apenas pela Internet restringe, em parte, a audiência local e externa da rádio, já que segundo o IBGE (2020), quase metade da população do Sul da Bahia ainda não consegue essa conexão.

Enquanto isso não se modifica, a forma que se apresentou como mais viável para chegar às populações excluídas do acesso à Internet foi a estruturação de ações de extensão que levassem a Rádio UESC para essas localidades, interagindo com esses públicos e incorporando suas vivências à programação. Destacamos quatro dessas ações: a *Rádio UESC nas Quebradas*,

destinada ao público das comunidades rurais e periféricas, onde a emissora se desloca para as comunidades e promove cursos de formação, oficinas e vivências em radioweb; o *Bonde da Rádio UESC*, destinado aos bairros das cidades regionais; o *Festival Universitário de Música da Rádio UESC*, que reúne artistas de diversas universidades e cidades regionais; e o *Rádio UESC na Estrada*, que acompanha de perto as aulas de campo de vários cursos da universidade, fazendo entrevistas, reportando fatos ao vivo e produzindo materiais nas localidades visitadas.

Hoje há 38 pessoas trabalhando na rádio UESC, sendo duas professoras coordenadoras; dois técnicos de som (terceirizados e fornecidos pela universidade) e 32 estudantes que respondem por programas, playlists e *podcasts*. Além disso, produzem pelo menos um trabalho científico sobre rádio por ano, que é apresentado no Seminário de Iniciação Científica e Extensão da universidade e, eventualmente, publicam em revista ou livro da área. Ou seja, é uma rádio, mas é mais que uma rádio.

Referências:

- APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996
- COMASSETTO, Leandro Ramires. **A Voz da Aldeia**: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global. Florianópolis: Editora Insular, 2010.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERREROS, Mariano Cebrián. **La radio em la convergência multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001
- IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil em 2020**. Disponível in: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>. Acesso em: 02 out. 2021.
- ROBERTSON, Roland **Globalization**: Social Theory and Global Culture, London: Sage, 1992
- TRIVINHO, Eugênio. **O jornalismo está defasado**. Cadernos Ensaios – Arte, Cultura e Política. Net, 2007. Disponível em: <<http://cadernoensaios.files.wordpress.com/2012/07/trivinho.jpg>>. Acesso em: 05 jan. 2023.